

Política contraditória atrapalha os devedores

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, criticou ontem o comportamento contraditório da comunidade financeira internacional e dos países industrializados em relação, não só ao Brasil, mas a todos os países endividados do Terceiro Mundo. Segundo ele, enquanto o Fundo Monetário Internacional (FMI), por exemplo, prega o ajuste fiscal como forma de reduzir o déficit público, os bancos credores exigem superávits crescentes da balança comercial como garantia do pagamento dos juros da dívida. Ao mesmo tempo, a obtenção dos superávits é constantemente prejudicada por políticas protecionistas adotadas por países industrializados.

A crítica de Mailson foi feita durante a abertura do Seminário "Dívida Externa: Respostas Práticas", que será realizado até quinta-feira no auditório do Banco Central, com a promoção da Universidade de Brasília e Fundação do Terceiro Mundo para Estudos Sociais e Econômicos. Para ele, é necessário que o FMI, as agências multilaterais (Bird, BID) e os países industrializados passem a falar uma linguagem homogênea, evitando, assim, diversas contradições que acabam por prejudicar os ajustamentos internos e externos dos países devedores.

Conversão

O ministro observou que a adoção de políticas econômicas voltadas basicamente para a obtenção de saldos comerciais crescentes contribui para o aumento do endividamento público. Isso porque as exportações são praticadas em sua grande maioria pela iniciativa privada, sendo que o Governo acaba por cobrir estas exportações, ampliando o seu déficit. Ele ressaltou, também, outra condição atual que é a exigência por parte dos bancos credores no sentido de que o Brasil liberalize ao máximo as suas políticas de conversão da dívida externa e de capital, o que dificulta ainda mais o controle da inflação e a manutenção de uma rígida política monetária.

Mailson destacou que o Brasil é um candidato sério quanto ao retorno para o mercado de capitais e há uma conscientização de que o desenvolvimento deve sustentar-se

na poupança interna, já que acabou a época de se buscar os chamados empréstimos sindicalizados, ou seja, obtidos de diversas instituições para um mesmo fim.

Colocou que, para retornar ao mercado de capitais, o Brasil precisa lançar mão de políticas adequadas de financiamento, que, por sua vez, exigirão a obtenção de vários parceiros, dentre eles os bancos credores, o FMI, o Banco Mundial (Bird), além dos países industrializados. O ministro salientou que o Bird e o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) auxiliam o Brasil a executar políticas de ajustamento interno e de modernização da economia, mas muitas delas são incompatíveis com as atuais exigências formuladas pelo FMI.

Cooperação

Lembrou, também, que a posição de confronto com os credores produz poucos resultados, podendo isolar o País. "O caminho é a cooperação. Nenhuma parte negociadora deve impor à outra os seus pontos de vista. A mesa de negociações é o melhor local para se resolver as diferenças", acrescentou. Disse que, no momento, a preocupação do Brasil é a de resolver os desequilíbrios do setor público e tornar-se importador de capital, pois o Governo sozinho absorve 70% da poupança.

Mailson da Nóbrega destacou que pode haver uma solução para a dívida externa dos países do Terceiro Mundo, desde que sejam utilizados outros instrumentos que reduzam o estoque do endividamento. Dentre estes instrumentos, ele citou a conversão e securitização da dívida e a retomada dos investimentos estrangeiros diretos, em função da impossibilidade de que os bancos voltem a financiar, em condições favoráveis, a retomada dos investimentos necessários ao desenvolvimento destes países.

No caso do Brasil, o ministro afirmou que a negociação da dívida externa já está em estado avançado, tendo em vista que os credores estão assimilando bem os novos instrumentos propostos, como a conversão da dívida em investimentos no País, a conversão da dívida em exportações e a própria idéia de securitização, a exemplo do que ocorreu na negociação da dívida mexicana.